



CARTA CIRCULAR
AOS CO-IRMÃOS

**EM OCASIÃO DO ANO DA FÉ
SOBRE A FÉ DOS NOSSOS PADRES**

Roma 2012

Habete fidem Dei!
Quanto tem sido bom para nós viver
com esta fé em Deus por mais de quarenta anos!
E quanto agradável isso tem sido para Deus!
Isso já demonstra que Ele pensa em nós.

Não sou capaz de me alegrar e agradecer o suficiente ao Senhor por sua Providência!
(Pedro Semenenko, Cartas, vol. XVI, p. 84)

Queridos co-irmãos!

No início do segundo ano do meu serviço como superior geral, dirijo-me a vós mais uma vez através de uma carta circular. Desta vez, eu gostaria de vos convidar a uma reflexão sobre o dom da fé de nossos Fundadores Deodato Jański, Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiewicz. O Papa Bento XVI nos encoraja a fazer isso em sua Carta Apostólica *Porta fidei* e no texto da proclamação do Ano da Fé, que irá desde o dia 11 de outubro 2012 até o dia 24 de novembro de 2013, para comemorar o 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II. O Santo Padre espera que este ano seja “um tempo de particular reflexão e redescoberta da fé” (4). A minha esperança é que a fé inabalável dos nossos Fundadores seja para todos nós um impulso a redescobrir, revitalizar e reforçar a nossa fé para que a compartilhemos com os outros, a divulguemos e a testemunhemos com coerência, seja na sua dimensão pessoal que comunitária.

1. A ocasião para renovar a nossa fé

Somos convictos que em Seu amor
Deus nos chama à conversão
(Carisma)

A fé é a resposta do homem à Palavra de Deus; e Deus, ao conceder ao homem a graça da fé, sempre cuida do seu crescimento e da sua maturação. Podemos ver isso nos exemplos dos grandes personagens bíblicos (os patriarcas, os profetas, os apóstolos, etc.). Enfim, encontramos isso em uma maneira ainda mais clara, no Senhor Ressuscitado, o qual com grande determinação e urgência renova a fé dos seus discípulos, enquanto deixa às futuras gerações a promessa – beatitude: “Felizes os que, sem terem visto, creram!” (Jo 20,29), uma esperança sempre atual para nós.

Nossos Fundadores, depois de terem vivido a conversão na França, em seguida sigilada com o Sacramento da Reconciliação, começaram – com a ajuda da graça de Deus – o processo no qual foram transformados em “homens novos”; um processo que *de facto* continuou (assim como deve ser) durante toda a vida de cada um deles. A força deste processo foi obviamente o poder de Deus, mas o apoio humano estava no exemplo de vida e no encorajamento que recebiam de outras pessoas, da leitura da Bíblia e de livros religiosos e filosóficos, da direção espiritual e do serviço sacramental dos sacerdotes. É oportuno lembrar qual fora um dos primeiros atos deste processo.

Através da iniciativa de Deodato Jański, no outono de 1835, Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiewicz “em vista do próprio encorajamento espiritual e um desapego ainda maior do mundo”, fizeram um sólido retiro espiritual no renascente monastério beneditino em Solesmes. Em uma peregrinação a pé, eles percorreram a distância de 260 quilômetros entre Paris e o monastério. A experiência do retiro foi para eles tão bonita, que a compararam a uma parada no Paraíso. No final do retiro eles chegaram a esta conclusão: “Somente pela verdadeira vida cristã seremos capazes de compensar, ao menos em parte, a graça que o Senhor nos concedeu abrindo nossos olhos” (Jerônimo Kajsiewicz, *Cartas*, vol. 1, p. 24).

Nossas Constituições, lembrando a nossa chamada à conversão, explica que isso consiste em uma ressurreição pessoal com Jesus para uma vida nova, plena, pela força do seu Espírito (cf. Carisma). Esta conversão contínua – a primeira, a segunda e todas as outras sucessivas – é uma força que purifica, renova e aprofunda a nossa fé. Pegando esta estrada de conversão, que continua por toda a vida, desejamos dar um testemunho ainda mais visível do poder de Deus, o qual em um modo verdadeiramente misterioso transforma a existência humana e o curso dos eventos do mundo.

Neste contexto, o Ano da Fé nos convida a despertar dentro de nós o desejo de ver a face de Deus e estar atentos à necessidade de uma autêntica e sempre nova conversão ao Senhor. Padre Pedro Semenenko escreveu uma vez a um dos seus irmãos: “Oh que tu possas ter os olhos da fé mais transparentes e entendimento espiritual, de modo que possas ver plenamente quanto esta vida é linda, boa, cheia de verdade e salvação para toda eternidade! Que este lugar onde Deus te colocou seja para você uma condição para toda graça e bênção de Deus” (*Letters*, vol. XIV, p. 62). Gostaria que mais uma vez pudéssemos aprender através destas palavras, que dirijo a cada um de vós como meus votos.

2. A ocasião para a fidelidade à fé

*O ato de fé que sustenta a nossa oferta
é a resposta incondicional a Deus
que nos chama a nos doarmos totalmente a Ele.
(CCR 13)*

Deus, tomando sob sua especial proteção o Povo Eleito, no Monte Sinai, estipulou com este povo uma aliança, a qual, no curso da história, ele a renovou muitas vezes. Este ato, segundo o plano divino, deveria ser a garantia de uma maior solidez, estabilidade e eficácia daquele vínculo, principalmente da parte do homem, porque Deus é sempre fiel. Esta verdade é lembrada pelos profetas como também nas orações dos Salmos, na liturgia e nas reflexões Sapienciais: “Colocarei minha lei no seu coração, vou gravá-la em seu coração; serei o Deus deles, e eles, meu povo” (Jer 31,33).

Nossos primeiros padres (Semenenko, Kajsiewicz, Hube e Duński) eram conscientes da obrigação de finalizar, antes que começassem o trabalho apostólico, o processo de fundação da Congregação. Portanto, tinham que escrever uma regra, dar

um nome à Comunidade e consolidar a sua estrutura religiosa: em outras palavras, escolher um superior e professar os votos religiosos. Pe. Pedro Semenenko foi encarregado de preparar a redação final da Regra, que foi aprovada à meia noite do Sábado Santo, no dia 26 de março de 1842. Além disso, ele foi eleito superior por cinco anos. Os primeiros Ressurreicionistas professaram os votos religiosos na Congregação da Ressurreição pela primeira vez na história ao amanhecer do Dia de Páscoa nas Catacumbas de São Sebastião em Roma: primeiramente, Pe. Pedro Semenenko, em presença da Comunidade; e então, diante dele, os outros membros da Comunidade.

Nossas Constituições colocam em evidência que através da realidade dos nossos votos religiosos “nós nos dedicamos e consagramos totalmente ao Cristo Ressuscitado” e “respondemos à chamada de Deus para nos entregarmos totalmente, com todos nossos talentos, habilidades e forças, a ele, à Igreja e à Congregação” (CCR 13). Esta compreensão da chamada de Deus e da nossa resposta nos leva a compreender a profissão religiosa como uma aliança de amor conjugal. Nesta aliança, Deus quer que nós nos entreguemos como um dom livre e total, assim que pertençamos exclusivamente a Ele. Desta maneira, o nosso modo de viver os votos religiosos e nossa fidelidade a eles, que nos conformam ao Cristo pobre, casto e obediente, se torna o fermento da nova criação, e assim, para muitas pessoas “serviremos de inspiração, (...) encorajando-os a viver suas próprias vocações cristãs mais intensamente” (CCR 15).

Estamos vivendo em um tempo em que tudo vacila, no qual decisões são tomadas sem responsabilidade e compromisso, no qual sob a pretensão da liberdade várias escolhas refletem uma dominante cultura antivocacional, que nega o valor das escolhas permanentes e compromissos definitivos que devem durar toda a vida. Por esta razão, o Ano da Fé é uma ocasião propícia para redescobrir e aprofundar o significado da aliança que Deus estipulou conosco por meio da misteriosa chamada a seguir Cristo no caminho dos conselhos evangélicos, *i.e.*, da consagração pelos votos religiosos. Muito tempo atrás, Pe. Pedro Semenenko tentara confortar um de seus irmãos com estas palavras: “Querido Padre! Estás te preocupando contigo mesmo inutilmente; estás tão ansioso por causa de muitas coisas e com medo do futuro. Certas coisas devem ser previstas, mas não podem amedrontar; e acima de tudo, tens que ter uma fé forte, desde que pertences ao Senhor; nós estamos ao seu serviço e ele toma conta de nós e nos protege como à pupila de seus olhos. Não somos homens de pouca fé! Na verdade, a fé no Senhor nunca nos decepcionou, e quantas vezes tivemos provas desta especial proteção?! E ele não nos decepcionará até o fim” (Cartas, vol. XIV, p. 148).

3. A ocasião para aprofundar nossa compreensão sobre os conteúdos da fé

A formação doutrinal continua através do crescimento na assimilação pessoal dos mistérios da fé
(CCR 162)

São Paulo escrevera aos Romanos: “A fé vem pela pregação e a pregação, pela palavra de Cristo” (10,17). A palavra de Cristo – preservada nos Evangelhos– contém uma imensa riqueza de conteúdo em suas diversas formas de ensinamento. Cada geração de cristãos tem se nutrido deste tesouro, buscando por inspiração e indicações para viver iluminados pela luz da fé. Mesmo no tempo de Jesus, devemos admitir, algumas das verdades da fé eram difíceis de serem aceitas pelos seus ouvintes. São João, narrando a multiplicação milagrosa dos pães que Jesus cumpriu e o seu discurso eucarístico, nota que, de fato, muitos dos seus próprios discípulos reagiam afirmando: “Esta palavra é dura. Quem consegue escutá-la? (Jo 6,60). Então, ele adiciona que “a partir daquele momento muitos de seus discípulos o abandonaram e não mais andavam com ele” (Jo 6,66). Nesta dramática situação, à pergunta de Jesus, “Vocês também querem ir embora?”, Pedro responde: “A quem iremos ,Senhor? “Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,67-68).

A história de nossa existência desde o início foi marcada por muitos abandonos: até mesmo no mais interno “núcleo” da Congregação, a partir dos primeiros cinco membros que formavam a “Casa de Jański”, somente três perseveraram. No terceiro volume da história da Congregação de John Iwicki encontramos uma lista de todos os membros com primeiros votos desde 1842 até 1990. A leitura desta lista é de chocar! Neste período, 1890 membros professaram os primeiros votos, dos quais 1000 abandonaram o caminho que tinham iniciado. Isso não significa que todos eles tiveram problemas com a fé ou que todos eles deveriam ter sido forçados a ficar conosco. De qualquer maneira, o que parece é que algo não funcionou bem no processo de discernimento de suas vocações ou em seus corações ou até mesmo nas estruturas da Comunidade. Porque “sem que o coração, o autêntico espaço sagrado dentro da pessoa, esteja aberto à graça, que permite que os olhos vejam com profundidade e entendam que aquilo que foi proclamado é a Palavra de Deus” (*Porta Fidei* 10) – a fé nunca será transformada em uma decisão definitiva tal como seguir o Senhor e viver com Ele.

Uma espiritualidade de um profundo discipulado de Cristo é formulada em nossas Constituições em termos de um contínuo morrer e ressurgir juntos com ele. Com Jesus, morremos para nós mesmos quando submetemos nosso modo de pensar ao serviço do plano de Deus, quando subjugamos nossa vontade à sua e imergimos nosso coração no dele. Ressurgimos com Cristo quando nos deixamos ser guiados pela inspiração do Espírito Santo, que nos faz perceber a estupenda beleza de uma opção evangélica tão árdua que desperta em nós o desejo de responder em modo positivo e completo, que sustentando-nos na sua execução fiel, forma os corações dos chamados, conformando-os a Cristo e incitando-os a fazer deles próprios a sua missão (cf. *Vita Consecrata* 19). Também ressurgimos com Cristo quando nos fazemos disponíveis para servir sem economizar energias e sendo prontos a aceitar nossos irmãos assim como são; quando somos sempre prontos a perdoar; quando experimentamos a necessidade interior de *colocar tudo em comum*: bens materiais e espirituais, talentos e inspirações como também ideais apostólicos e serviço caritativo

– em uma palavra, quando exercitamos a perfeita caridade fraterna e testemunhamos ao mundo de sermos bons discípulos de Cristo (cf. *CCR* 1, 7; *Vita Consecrata* 42).

Para que a nossa fé possa ser professada como a de nossos Padres, devemos anunciar a beleza de seguir o Senhor em qualquer lugar que ele nos mande a dar testemunho de uma vida religiosa e cristã. Padre Jerônimo, falando dos benefícios da fé, explicava: “A fé, aqui na terra, eleva a dignidade do homem e o diviniza, fazendo com que participe da vida de Deus, que é o início e a fonte da vida humana. A fé nos dá a certeza da vida eterna, porque todo aquele que tem fé vive na justiça, realizando boas e santas ações, que serão a base para uma recompensa eterna.” (*Pisma*, vol. 1, p. 354). Portanto, que o Ano da fé seja uma ocasião propícia para aumentar e compartilhar o grande mistério da nossa fé: vivendo-a, por exemplo, através de eficazes encontros de Casa, dias mensais de recolhimento e retiros anuais.

4. A ocasião para fortalecer a nossa fé no Senhor Ressuscitado

*Glorificamos a Deus manifestando
ao mundo a presença do Cristo Ressuscitado
(CCR 5)*

A mensagem da Ressurreição de Cristo é o núcleo da Boa Nova e ao mesmo tempo a chave que nos abre à compreensão da Revelação. Ela é a verdade fundamental do Evangelho, na qual toda a pregação da Igreja encontra sua fonte, começando com o primeiro discurso do apóstolo Pedro, que no dia de Pentecoste “de pé, junto com os onze apóstolos, levantou a voz e falou à multidão: “... (este) Jesus de Nazaré, entregue pelas mãos dos ímpios, vós o matastes, pregando-o numa cruz. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias da morte, porque não era possível que ela o dominasse” (At 2,14. 23-24). A Ressurreição de Cristo é a verdade fundamental e suma da nossa fé. “*Fides christianorum resurrectio Christi est*” – diz Santo Agostinho. Ainda antes, São Paulo, explicando aos Coríntios a verdade sobre a ressurreição, declara inequivocamente: “E se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento também é a vossa fé” (1Cor 15,14).

As comunidades religiosas, em suas espiritualidades e várias formas de atividade, são chamadas, segundo o desejo da Igreja, a propor e colocar em evidência alguns aspectos específicos do único mistério de Cristo (cf. *Vita Consecrata* 93). A Divina Providência nos atribuiu – e nisso deveríamos nos gloriar – precisamente esta essencial e esplendida verdade da fé cristã: a Ressurreição de Cristo. Considerando as coisas a partir da perspectiva atual, poderíamos ficar admirados com o fato que nem no Diário do Fundador nem em suas cartas encontramos alguma palavra que soe como “ressurreição”. É claro que aparecem palavras associadas à ressurreição, tais como: “estandarte”, “entorpecimento”, “nova vida” e “renascimento”. Porém, a consciência, de que o mistério da Ressurreição era para nós o sinal evangélico, perdurou nos corações da primeira geração de Ressurreicionistas e floriu de novo no dia do em que eles professaram seus primeiros votos e em modo especial, quando em 1842, a administração da igreja de São Claudio em Roma foi confiada a nós. Pe. Kajsiewicz fez esta observação: “Foi vontade de Deus nos dar uma prova exterior de

que Ele mesmo é a inspiração para o nome que assumimos, isto é, Ressurreicionistas”. E ainda escreveu em suas “Memórias”: “Nunca a vimos (a igreja de São Claudio), porque geralmente fica aberta somente para uma missa de manhã. Foi uma magnífica e agradável surpresa encontrar sobre um dos três altares um quadro da Ressurreição do Senhor. Este foi, de fato, um evento muito curioso, porque até então ninguém tinha ouvido falar da existência de outro altar em toda a cidade de Roma, que fosse dedicado à Ressurreição do Senhor” (*Pisma*, vol. 3, p. 426).

A radical originalidade da Ressurreição – segundo as nossas Constituições – deveria plasmar toda a nossa vida: nossos pensamentos, nossa vontade, nossos sentimentos, nossa mentalidade, nossas ações e atitudes. A pessoa do Cristo Ressuscitado, sempre presente em nosso meio, é a revelação do amor de Deus. Uma especial manifestação deste amor foi experimentada pelos nossos Fundadores e por todos nós que os seguimos. Movidos por esta certeza, sentimos a necessidade de “testemunhar este poder transformador do amor de Deus, não somente com nossa vida pessoal e comunitária”, mas também com e nosso trabalho apostólico. Vivendo o amor de Deus diariamente na Eucaristia, alargamos nossos corações, dando um claro testemunho da esperança para todos aqueles a quem somos enviados. Uma Liturgia cuidadosamente bem preparada é um dos aspectos mais importantes deste testemunho, na medida em que essa exprime o eterno e alegre “Aleluia” do tempo Pascal da Igreja (cf. *CCR* 1-3).

Sob este ponto de vista, o Ano da Fé é para nós Ressurreicionistas, um convite a experimentar de novo, no mistério pascal da morte e Ressurreição de Cristo, a plenitude do amor de Deus, que nos salva e nos chama à conversão e a uma mudança no estilo de vida. Juntamente com Pe. Jerônimo, eu gostaria de tocar o coração e o desejo de cada um de vós: “Assim como o Cristo Ressuscitado apareceu, alegrou, abençoou, consolou e encorajou, também nós, ressuscitados e confirmados no Espírito, somos apóstolos do Ressuscitado. Levantemos o nosso olhar para o céu, onde à direita do Pai, o Senhor Ressuscitado está sentado e espera por nós, preparando para nós uma morada” (K. Wójtowicz [ed.], *Tryptyk wielkanocny*, Kraków 1999, p. 18).

5. A ocasião para compartilhar a nossa fé

*Cada Casa deve ser uma comunidade de vida cristã,
onde a fé, a esperança e o amor de cada religioso
se expressem e se desenvolvam.
(CCR 133)*

O Povo de Deus, tanto da Antiga quanto da Nova Aliança, aparece nas páginas da Bíblia como “a comunidade da fé peregrina”. Da parte de Deus, a reunião de todos os homens em um único povo foi um processo que começou quando o pecado destruiu a comunhão dos homens com Deus e dos homens entre eles mesmos. Ao mesmo tempo em que Deus chamou Abraão para colocá-lo em um caminho com direções desconhecidas, Ele também prometeu a Abraão que ele se tornaria o pai de uma grande nação. Mais tarde, a dádiva de Deus a Israel de um amor especial como povo

escolhido foi um sinal da futura união de todos os povos em um único povo. Apesar disso, o povo não foi fiel à própria vocação; portanto, os profetas o acusaram de ter quebrado a aliança e de ter se comportado como uma prostituta (cf. Jer 2,1-32). Por este motivo os profetas chamaram o povo para retornar à sua aliança original com Deus. O Senhor Jesus, antes de instituir a Igreja como “o novo povo eleito”, tinha pedido ao Pai, em sua oração sacerdotal, a propósito de seus discípulos: “que eles sejam um como nós somos um: eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos, e o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste como amaste a mim” (Jo 17,22-23). As Sagradas Escrituras colocam uma forte ênfase no aspecto comunitário da existência humana, porque é na comunidade que o homem aprende a escutar as palavras de Deus e a celebrar seus mistérios; além disso, em comunidade as pessoas podem sentir a presença de um Deus que nos ama e o poder da unidade da fé.

Toda comunidade religiosa constitui por natureza uma parte da Igreja e é uma expressão da comunhão eclesial. Os elementos constitutivos e distintivos da vida religiosa são sempre os mesmos: uma comunidade de vida, de oração e de apostolado. Na verdade, o carisma do fundador comporta certo “dom de atração”, graças ao qual se forma o núcleo original dos futuros institutos religiosos: algumas pessoas se unem ao redor de um projeto comum e providenciam o impulso necessário para a formação da comunidade e da sua futura expansão. Esta graça assim atuou no Servo de Deus Deodato Jański, que entre seus companheiros, foi capaz de discernir e selecionar os mais idôneos indivíduos em meio à grande onda de emigração polonesa. Kajsiewicz, uma testemunha ocular dos esforços criativos do nosso Fundador, fez a seguinte observação: na solenidade de Pentecostes de 1836, “Deus, em sua misericórdia, derramou uma graça especial sobre este pequeno grupo, sobre nós quatro que somos em qualquer modo a pedra angular deste novo edifício. Os outros dois ou três que não ficaram conosco, ou que não teriam se unido a nós para sempre, não entendiam nada do que conversávamos e algumas vezes, como acontecera no primeiro Pentecostes, pensavam que estivéssemos embriagados.” (*Pisma*, vol. 3, p. 414). O nosso próprio Fundador, ao final de uma longa carta endereçada aos Irmãos que estavam em Roma, enfatizou que “o mesmo espírito, a mesma caridade, fé e esperança, nos quais o Senhor Deus nos reuniu têm sempre estado presente em nosso meio e superado todas as provas; ainda estão presentes, por causa da graça especial de Deus sobre nós” (Carta do dia 12 de Julho de 1839): expressando assim a parte principal das informações nesta contida.

Nossas Constituições, ao falarem da força da Congregação, notam que esta força é potencialmente presente em cada comunidade local, que irradia as virtudes teológicas. O desenvolvimento da fé é sustentado pela nossa dedicação pessoal em três áreas: a primeira é a Eucaristia, que é fundamental e eficaz, que fortifica a fé e na qual vivemos o Mistério Pascal de Cristo, ao qual nos unimos morrendo para nós mesmos e ressurgindo para uma vida nova. Outra área é oração e de uma maneira especial a adoração eucarística prolongada e atenta. Na verdade, o nível da nossa fé é expresso também no cuidado que temos com a qualidade da oração na comunidade, a qual sempre foi considerada o fundamento da vida comunitária. Porém, não deveríamos nos esquecer que a oração na comunidade atinge sua eficácia somente quando é

acompanhada pela oração pessoal. Por isso é importante cuidar para que a vida da nossa comunidade flua segundo um determinado ritmo diário. Desta maneira, encontraremos tempo para tudo: oração, trabalho e descanso. A terceira área que favorece o crescimento da fé é a partilha dos valores que se encontram na Palavra de Deus. As comunidades monásticas desde o início cultivaram a “*lectio divina*” ou a “leitura de Deus”. A exortação apostólica *Vita Consecrata* nos lembra o grande valor da meditação da Bíblia *em comum*, porque esta prática “leva a uma partilha alegre das riquezas tiradas da Palavra de Deus, graças à qual, irmãos e irmãs crescem juntos e se ajudam uns aos outros a progredir na vida espiritual” (94).

Neste Ano da Fé, seria muito oportuno usar este seguro e frutuoso método em nossas comunidades locais e nos vários grupos de apostolado. Deste modo, nossa fé no Senhor Ressuscitado recebe nossa particular característica. Com razão, Pe. Kajsiewicz observa – e nós deveríamos sempre nos lembrar – que “ninguém pode dar aos outros aquilo que ele mesmo não possui. Para despertar a fé nas outras pessoas, devemos tê-la viva em nós mesmos; para acender o amor para com Deus nos corações das pessoas, devemos nós mesmos já ser inflamados por este amor; para convencer alguém, nós mesmos devemos ser convictos” (*Pisma*, vol. 3, p. 47).

6. A ocasião para difundir a fé

Para o Ressurreicionista, o apostolado representa uma chamada de Cristo a conduzir uma vida imbuída com uma fé profunda e duradoura.
(CCR 191)

A Bíblia nos mostra que todo dom de Deus traz consigo uma incumbência; toda chamada é acompanhada por uma ordem; a toda vocação é anexada uma missão. Os Patriarcas e os reis eram responsáveis pela qualidade da lei e do bem estar do povo escolhido; os sacerdotes e os profetas tinham que tomar conta da pureza do culto divino e da autenticidade da voz de Deus; os apóstolos e discípulos devem ir ao mundo anunciando o Evangelho e atuando os Sacramentos.

O Apóstolo dos Pagãos é consciente da magnitude e da importância de sua missão: “quando viram que a evangelização dos pagãos fora confiada a mim, como a Pedro tinha sido confiada a dos judeus (De fato, o mesmo que tinha preparado Pedro para o apostolado entre os judeus preparou também a mim para o apostolado entre os pagãos), e quando reconheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, considerados colunas da igreja, deram-nos a mão, a mim e a Barnabé, como sinal de nossa comunhão recíproca. Assim ficou confirmado que nós iríamos aos pagãos, e eles, aos judeus. O que nos recomendaram foi somente que nos lembrássemos dos pobres. E isso eu procurei fazer sempre, com toda solicitude.” (Gal 2:7-10). Este testemunho de Paulo resume a sua inteira atividade apostólica: a consciência de ser um escolhido, a garantia da assistência da graça de Deus, a universalidade do kerygma, o serviço da caridade e enfim, a perseverança na unidade e na comunhão com a Igreja.

Olhando para a nossa própria história, vemos que o nosso Irmão Mais Velho, já reconhecia nele mesmo o carisma de um fundador, à questão: “O que Cristo, a Igreja,

o País, a Emigração querem de nós? Ele responderia: “Nosso País e a Igreja precisam de operários” (Diário, PP. 422. 428). E exatamente como um simples “operário”, ele se consumou pelos trabalhos apostólicos. Com fervor e entusiasmo, ele individuou as necessidades de cada um dos que estavam ao seu redor e procurou ajudá-los através de métodos não convencionais: através de visitas e conversas, livros e conselhos, ajuda financeira e procura por emprego, através da autenticidade de suas atitudes e provas de proximidade da Igreja. Nossos primeiros padres, imediatamente depois da ordenação, conscientes do novo compromisso, escreveram ao seus amigos com o coração arrebatado: “Não podeis imaginar qual misterioso laço une a Oferta, o confessionário e o púlpito; noto uma urgência em relação a eles e me sinto forte, corajoso e audacioso, que freqüentemente me lamento do fato de não poder me mudar neste momento para Paris. Porém, eu acredito que o Senhor não nos abandonará nem mesmo mais tarde” (Paweł Smolikowski, *Historya...*, vol. 2, p. 349). É bom notar que nossas primeiras “viagens missionárias” tiveram algo em comum com a primeira missão dos Doze e dos 72, quando Jesus “começou a enviá-los dois a dois” (Mc 6,7; Lc 10,1); e estas ocasiões são parecidas à estória dos dois discípulos de Emaús, que partiram apressadamente e retornaram a Jerusalém para trazer o alegre anúncio: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente!” (Lc 24,34). Portanto, não é por coincidência que em 1838 Deodato Jański enviou Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiewicz a Roma; que em 1857 Pe. Aloísio Oldoni e Ir. Savério Salvati colocaram os fundamentos do trabalho pastoral em Mentorella; que no mesmo ano os seminaristas Eugênio Funcken e Eduardo Głowacki partiram para o Canadá; que em 1863 “um ancião e uma criança”, Pe. Charles Kaczanowski e Ir. Marcin Janus, foram para a Bulgária para um trabalho missionário.

Nossas Constituições recomendam que nossa missão seja imbuída com uma “fé profunda e duradoura”, porque essa é energia motora e “condição necessária para uma atividade apostólica frutuosa” (CCR 119). A fé nos diz para deixar tudo e seguir Cristo lá onde e nos envia; a fé nos impõe de ir por todo o mundo e proclamar a alegria da ressurreição; a fé faz que nos nossos principais apostolados nos esforcemos para construir comunidades cristãs, vivificadas pelo Espírito do Senhor Ressuscitado (cf. CCR 201); a fé nos incita a levar para frente as atividades, que humanamente pensando, superam as nossas possibilidades pessoais e econômicas; a fé, enfim, nos permite de confessar com coragem a beleza da escolha de seguir o Senhor Jesus.

Gostaria, que não somente no Ano da fé, nós cumpríssemos o nosso trabalho apostólico, assim como nos foi confiado, com a fé sobre a qual Pe. Jerônimo disse: “a ressurreição se sinta em toda parte”. Gostaria que com a nossa vida difundíssemos a fé no mundo e déssemos um testemunho claro do nosso ser Ressurreicionistas: “somos da ressurreição e esperamos, desejamos a verdadeira ressurreição (...) nós deveríamos ser para os outros o estandarte e a profecia”.

7. A ocasião para caminhar com Maria no caminho da fé

A fé de Maria a fez capaz de aceitar o dom do amor de Deus e acreditar que todas as promessas que lhe tinham sido feitas fossem cumpridas.
(CCR 150)

Maria é para todos nós modelo eminente da fé autêntica. Ela acreditou na anunciação, por fé, sendo virgem, deu à luz ao Filho de Deus; confiando na palavra de Deus fugiu para o Egito; com a mesma fé, seguiu seu Filho até o Calvário; “com fé provou os frutos da ressurreição de Jesus e, meditando cada lembrança no seu coração, as transmitiu aos Doze reunidos consigo no Cenáculo (*Porta fidei*, 13).

A ela, que foi chamada “bendita, porque acreditou no cumprimento daquilo que o Senhor lhe disse” (Lc 1, 45), gostaria de confiar a nossa Congregação e todos os irmãos:

*Mãe da Igreja e da nossa Congregação!
Conscientes da fraqueza da nossa fé
e que “sem a fé é impossível ser agradável a Deus”;
lembrando que os próprios Apóstolos se dirigiam a Jesus pedindo:
“Senhor, aumenta a nossa fé”.
Com grande confiança nos dirigimos a vós, ó Maria:
Sustentai-nos,
porque procuramos, sem cansar,
uma fé humilde e madura;
conduzi-nos ao teu Filho,
porque ele, o vencedor do mal e da morte,
nos doe generosamente a sua força nos momentos de dúvida e prova;
obtende-nos a graça de uma fé forte, segura e ardente;
fé alegre, perseverante e eficaz;
fé aberta a novas luzes;
fé viva e fecunda nas obras de amor;
fé, que com os seus olhos veja o mais longe, mais profundamente, mais em
alto e tudo;
fé obediente às inspirações do Espírito e à Palavra da Verdade.*

In Christo Redivivo



Bernard Hylla CR
Superior Geral
XIX sucessor do Irmão Maior Deodato Jański

Roma, 11 de outubro de 2012, na inauguração do Ano da fé.